

Um aspecto meio-esquecido do diálogo cultural luso-brasileiro

Gilda Santos

Além dos imigrantes portugueses rústicos e humildes que, enriquecendo ou não, deixaram marcas duradouras de sua passagem por estes inúmeros “Brasis”, conheceram várias cidades brasileiras, nas décadas de 40 a 70 deste nosso século, alguns intelectuais portugueses que aqui aportaram — movidos, na grande maioria, por pressões políticas — e aqui deixaram marcas culturais relevantes, mas nem sempre lembradas.

Já Carlos Drummond de Andrade, na comovida crônica dedicada a evocar Adolfo Casais Monteiro pouco depois de seu falecimento, ponderava que esses imigrantes intelectuais “vieram para fazer alguma coisa mais que fugir a restrições e constrangimentos: vieram ensinar nas faculdades e debater questões teóricas, estimulando o espírito do livre exame”, mas reconhecia também que os benefícios que Casais Monteiro e seus companheiros de exílio trouxeram “para o meio cultural brasileiro não foram ainda avaliados.”

Da crônica drummondiana, datada de 1972, aos dias que correm, as preconizadas avaliações ainda esperam por avaliadores...

É certo que no ano passado, em agosto e setembro, dois eventos internacionais, realizados no Rio e em Araraquara para rememorar os 20 anos sobre a morte de Jorge de Sena, tentaram chamar atenção para esse silêncio. E, sem dúvida, algumas sementes começam a germinar, timidamente, à sombra das universidades.

Nesse propósito, contributo fundamental tem de ser atribuído à voz lúcida e respeitada de “Mestre” Antônio Cândido, que, na memorável noite de 01 de setembro 1998, diante de auditório abarrotado de estudantes e professores na UNESP de Araraquara, desfiou as suas “memórias afetivas” em torno daqueles intelectuais portugueses com que conviveu, encerrando-as com o estímulo a que se faça um “estudo sobre o papel que alguns intelectuais portugueses de oposição desempenharam no enriquecimento da cultura brasileira, mais ou menos

entre 1940 e 1974 já que, sob a sua ótica, constituem eles “uma não-planejada *missão portuguesa*” (por analogia àquelas missões francesa, italiana e alemã que alicerçaram a Universidade de São Paulo). Embora tivessem eles vindo para o Brasil sem qualquer idéia de aqui se reunirem, o fato é que formaram um grupo “que trouxe contribuições culturais positivas e renovadoras, devidas a homens de pensamento e sensibilidade que representavam as nossas raízes históricas” e, assim, esses exilados “se ajustaram ao meio e o enriqueceram dentro da mesma língua e da mesma tradição.”

Algumas iniciativas tomadas na Faculdade de Letras da UFRJ, acatando Drummond, anteciparam a proposta de Antônio Cândido. Mas agora, sob o impulso de tão forte e abalizado estímulo, há que buscar novos horizontes para trazer à baila esse aspecto meio-esquecido do diálogo luso-brasileiro, ainda mais quando se intensificam as comemorações em torno do “encontro” de 1500 e os laços entre os dois países parecem ganhar maior visibilidade.

Certamente que a Revista do Real Gabinete Português de Leitura é espaço privilegiado para acolher ecos e notícias dessa “*missão* com significado peculiar” e, por isso, estão convidados os leitores a se debruçarem sobre o dossiê “Presenças portuguesas no Brasil do Século XX”, que se apresenta a seguir.

Completam a Revista seções, já tradicionais e — cremos — não menos interessantes, onde são enfocados inúmeros outros aspectos dessa Cultura em Língua Portuguesa que nos irmana.